

A VALORIZAÇÃO DOS SABERES DOCENTES NA CONSTRUÇÃO DO ALMANAQUE DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO DA REGIÃO METROPOLITANA DE RIBEIRÃO PRETO

Lucas Augusto Rosa

lucasagrosa@usp.br¹

Caroline Vieira de Souza

k.souza@usp.br²

Francislaine Soledade Carniel

francarniel@usp.br³

Thais Angela Cavalheiro de Azevedo

thais.deazevedo@hotmail.com⁴

Resumo

Cientes de que os professores, a partir de suas próprias práticas, estruturam, ressignificam e orientam seus trabalhos, o GRUPO de estudos da localidade – ELO do Laboratório interdisciplinar de formação de educadores – LAIFE da USP campus Ribeirão Preto - SP, em parceria com professores e alunos de diversos segmentos do ensino, construiu o Almanaque de espaços não formais de ensino da região metropolitana de Ribeirão Preto - SP. O objetivo de referida iniciativa, foi reunir práticas e experiências dos docentes e alunos envolvidos para a proposição de atividades norteadoras que possibilitam um olhar analítico dos espaços geográficos dos municípios da região metropolitana de Ribeirão Preto - SP. O processo de elaboração do almanaque foi organizado em etapas que envolveram reuniões de planejamento e pesquisa sobre possíveis espaços não formais de ensino, visitas aos espaços não formais de ensino, avaliação dos espaços visitados para composição do almanaque, reuniões para elaboração das propostas de atividades, descrição dos espaços e das atividades em grupos de professores e posterior reunião para revisão e validação dos materiais elaborados. Ao longo desse processo, pudemos perceber que em diversos momentos. A mobilização dos saberes

¹ Graduado em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá, mestrando em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo FFCLRP-USP.

²Graduada em Geografia pela Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração- UNILINHARES, mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo FFCLRP-USP..

³ Graduada em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá, mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo FFCLRP-USP.

⁴ Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo FFCLRP-USP.



docentes oriundos da formação profissional, da experiência, e dos conhecimentos disciplinares, construídos ao longo exercício da docência dos educadores afluíram por meio de debates. Tais saberes se revelaram, também, na elaboração das atividades ou relatos de práticas já realizadas nos espaços não formais de ensino ou locais análogos aos mesmos. Como produto final, obtivemos um compilado que reúne espaços não formais de ensino com sugestões de atividades, descrições, contatos, iconografia e referências bibliográficas para aprofundamento histórico e geográfico de cada espaço. As atividades descritas no almanaque se configuram como uma reunião de diferentes saberes desenvolvidos por meio da prática de um coletivo de docentes da mais variada atuação e por isso, reflete a riqueza que professores podem nos ofertar ao compartilhar os relatos de suas jornadas nos processos de ensino e aprendizagem, quer seja nas salas de aula ou fora dos muros da escola.

Palavras-chave: almanaque; saberes docentes; localidade.

Introdução

O presente trabalho visa explicar sobre as atividades que culminaram na elaboração do primeiro Almanaque de espaços não formais de ensino da região metropolitana de Ribeirão Preto - SP. A referida iniciativa, teve sua concepção durante as reuniões do Grupo de Estudos da Localidade – ELO pertencente ao Laboratório Interdisciplinar do Educador – LAIFE da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP/USP e reuniu professores e alunos de diversas áreas do conhecimento e etapas da educação, com apoio do projeto de extensão universitária apresentado junto ao 3º Edital Santander/USP/FUSP de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão.

O grupo ELO se dedica a estudos da localidade, compartilhamento de práticas pedagógicas das áreas específicas do conhecimento, ao estudo das políticas públicas educacionais e produção de materiais para fins didáticos além de iniciativas voltadas a extensão

A ideia de produzir um almanaque se constitui como uma forma de posicionamento político e pedagógico do grupo. No entendimento do coletivo multidisciplinar de professores que formam o ELO, em tempos de Base Nacional Comum Curricular – BNCC⁵, apostilas e crescimento na rigidez do fazer pedagógico em sala de aula, elaborar um almanaque significa se distanciar das amarrações metodológicas prescritas e dar ao professor a possibilidade de

⁵ O referido documento foi homologado pelo Ministério da Educação, em dezembro de 2017. A BNCC propõe-se a direcionar os conteúdos a serem desenvolvidos na Educação Básica, em todo o território brasileiro.

interpretar e ressignificar o referido material nos mais variados contextos e por que não, inspirá-lo a produzir com seus colegas de ofício e alunos, seu próprio almanaque.

A escolha pelos espaços informais de ensino teve o objetivo de possibilitar a mobilização de docentes e discentes para além dos muros escolares ampliando as possibilidades de aprendizagem e possibilitando um novo olhar sobre a localidade, especialmente as que constituem as municipalidades da região metropolitana de Ribeirão Preto.

Ao longo do Almanaque, o leitor encontra treze espaços não formais de ensino e entre eles, não apenas aqueles com funções educativas, mas locais que mesmo com desideratos distintos, foram considerados muito oportunos para a aprendizagem sobre a localidade. Jardins públicos, cemitérios, estações meteorológicas, fábricas e assentamentos rurais foram descritos levando em consideração suas localizações, funcionamento, informações de contato, a acessibilidade e cuidados necessários ao visitá-los.

Todos os espaços foram visitados e estudados por equipes multidisciplinares de professores e alunos de diferentes etapas de ensino que posteriormente, nas reuniões do grupo ELO debateram sobre as possibilidades de atividades que estão descritas em cada um dos espaços não formais de ensino listados no Almanaque. As proposições são voltadas, principalmente, para o ensino de Geografia e História, mas não se limitam às essas áreas do conhecimento.

Os espaços descritos destacam as potencialidades educacionais e as fragilidades em termos de conservação. Entendemos que ao procedermos dessa forma, possibilitamos um olhar crítico para a problemática da conservação dos patrimônios.

Os professores e a materialização de seus saberes

No exercício da docência, os professores se deparam com uma série de dilemas e desafio a serem superados para desenvolver as atividades de ensino, o que, segundo Libâneo (2012, p. 59) “requer de um conjunto de saberes e práticas, como os conteúdos das diversas áreas de conhecimento, os métodos investigativos da ciência ensinada e os saberes pedagógicos próprios da profissão”. Tais saberes são definidos por Tardif como sendo “plural, composto,



heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente” (TARDIF, 2012, p. 18).

Tardif argumenta que

um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (TARDIF, 2012, p. 230).

Por reconhecerem-se como atores, sujeitos de seus saberes e fazeres, que os professores do Grupo ELO e demais convidados, idealizaram, planejaram e construíram juntos, o Almanaque de espaços não formais de ensino da região metropolitana de Ribeirão Preto.

Essa construção ocorreu de forma coletiva e contou com a participação de muitos sujeitos, dentre os quais estão docentes do ensino superior de instituições públicas e privadas, alunos de graduação e pós-graduação e professores das redes municipais e estaduais atuantes nos municípios de abrangência da região metropolitana. Tal forma de organização e produção possibilitaram aos autores lançarem mão dos saberes construídos

ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente no seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua ‘consciência prática’ (TARDIF, 2012, p. 14).

Segundo Philippe Perrenoud é necessário que o educador invista na construção de novas práticas e dispositivos alternativos de ensino. Segundo o autor trata-se de “um trabalho intenso de cooperação e de inovação, ou seja, uma ruptura, com o individualismo e a rotina” (PERRENOUD, 1996, p.12).

A construção do Almanaque dialoga com a necessidade de produzir materiais de ensino que possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas diversificadas e que rompem com as rotinas tradicionais pautadas em aulas exclusivamente expositivas e / ou focadas na leitura de livros ou apostilas didáticas.

A consciência prática dos professores autores possibilitou trazer a lume, em cada uma das etapas de construção do almanaque, seus saberes docentes acerca da localidade. A primeira delas priorizou a realização de reuniões para tomada de decisão sobre os espaços que seriam visitados pelos autores e os parâmetros para análise das potencialidades dos locais. A segunda e última etapa contemplou ações para escrita, correção e compartilhamento dos textos e a seleção de iconografia que comporiam o material.

Cada uma dessas etapas foram oportunas à utilização e valorização dos saberes docentes dos autores, os quais apresentamos na sequência.

O processo de construção do almanaque: das possibilidades às decisões

Para participar das tomadas de decisão, das ações e da construção propriamente dita do almanaque, os autores mobilizaram saberes acumulados e ressignificados ao longo de seu percurso profissional, e todas as estratégias utilizadas para a sua elaboração reafirmaram que “o que os professores ensinam (os saberes a serem ensinados) e sua maneira de ensinar (o saber ensinar) evoluem com o tempo e as mudanças sociais” (TARDIF, 2012, p. 13). Parte dos argumentos apresentados para sustentar as decisões tomadas nesse caminho se sustentaram em experiências pedagógicas vivenciadas pelos autores em algum momento de sua carreira, o que subsidiou a escolha dos espaços e a elaboração de uma ficha norteadora das potencialidades formativas dos espaços.

Para a tomada de decisão sobre as etapas de construção do almanaque, os autores foram instigados a compartilhar suas percepções sobre a localidade e os lugares a serem visitados, se o conheciam ou não, se já experienciaram situações de ensino nesses espaços,

como fizeram e quais conteúdos poderiam ser abordados a partir de uma expedição educativa. Tal iniciativa se assenta sobre o reconhecimento de que “os professores utilizam, em suas atividades cotidianas, conhecimentos práticos provenientes do mundo vivido, dos saberes do senso comum, das competências sociais (TARDIF, 2012, p. 136) e que a “a prática docente é, portanto, um lugar de formação e produção de saberes” (LASTÓRIA, 2010, p. 20). Diante disso, as reuniões que se sucederam possibilitaram ao professor acessar seus próprios percursos profissionais e verbalizar seus saberes e fazeres.



Concordamos com Tardif quando afirma que “ um professor não ensina somente com a cabeça, mas com a vida, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastros de certeza.”(TARDIF, 2012, p. 103), sendo justamente esses os conhecimentos explorados e valorizados nesse processo.

Por se tratar de um produto multidisciplinar, cujos autores possuem são constituídos de diferentes formações, realizamos um conjunto de trabalhos de campo, nomeados no almanaque como expedições, compreendendo o termo comumente utilizado nas Artes. De tal modo que,

por valorizarmos as idas aos espaços não formais como uma iniciativa educacional que possui objetivos específicos e abordagem exploratória. Portanto, não se trata de mera visita, excursão, passeio ou entretenimento. Pelo contrário, promover ações educativas em espaços não formais de ensino envolve o estabelecimento de determinados objetivos e estratégias didáticas em sintonia com o planejamento docente e preferencialmente de modo interdisciplinar (LASTORIA, ROSA; ASSOLINI (Org), 2018, p. 7).

Antes das expedições, os autores elaboraram uma ficha parametrizadora (Anexo 1), que norteou a coleta de dados, tais como nome, localização, características dos espaços, descrição e contexto do espaço, observações gerais além dos saberes pedagógicos como conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Desse modo, os autores estruturaram o seu percurso pessoal para a coleta de dados sobre a localidade, que seriam posteriormente compartilhados e alimentariam as produções escritas sobre os espaços não formais visitados.

Durante essa etapa, os professores revelaram a utilização dos saberes oriundos do seu fazer, de sua experiência como docente, o que “parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais” (TARDIF, 2012, p. 21).

Ainda segundo o autor, os

próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer, de saber-ser (TARDIF, 2012, p.38-39).

Para escolher os espaços não-formais de ensino que estariam presentes no almanaque e ao organizar as fichas parametrizadoras de coleta e análise de dados, os saberes da experiência foram explorados, revelados, compartilhados e valorizados especialmente por considerarmos

que “aprende-se através da prática profissional, na interação com os outros (os diversos outros: alunos, colegas, especialistas, etc.) enfrentando e resolvendo problemas, apreciando criticamente o que se faz e como se faz, reajustando as formas de ver e agir.” (CAVACO, 2014, p. 167), aspectos que foram contemplados nas ações desenvolvidas.

Da escrita à materialização dos saberes docentes

Outro momento revelador da valorização dos saberes docentes consistiu na elaboração conjunta dos textos. Os autores foram organizados em subgrupos de trabalho para escrever sobre cada espaço. Para desenvolver a tarefa atribuída a cada subgrupo, os autores tiveram a oportunidade de explorar os saberes “oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares” (TARDIF, 2012, p. 36), na medida em que revelam, na escrita “o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores” (TARDIF, 2012, p. 36). Nesse sentido, consideramos que o almanaque evidencia o uso dos saberes disciplinares e da formação profissional dos autores, na medida em que definem os conteúdos e conhecimentos disciplinares que podem ser abordados em cada um dos espaços não formais de ensino, revelando, assim, “saberes que correspondem aos diversos campos dos conhecimentos” (TARDIF, 2012, p. 38).

Do ponto de vista dos saberes da experiência, o processo de escrita e reescrita dos textos, bem como a definição dos conteúdos e as sugestões de atividades tomaram como base as práticas docentes dos autores. Na medida em que precisavam definir o que deveria ou não ser contemplado no texto, os autores rememoravam situações vividas durante as visitas e em

diferentes momentos de sua vida escolar e profissional, o que evidencia a utilização dos saberes da experiência a respeito da localidade.

Após a escrita, os autores organizaram reuniões para a apresentação e discussão dos textos produzidos e, coletivamente, leram suas produções e ouviram as colocações dos demais. Nesses momentos, os parâmetros elaborados durante as primeiras reuniões foram reavaliados e alterados de acordo com os apontamentos apresentados, demonstrando que, ao participar desse processo, os autores, tiveram a oportunidade de refletir, criticamente, sobre suas práticas, o que para Freire (2013, P. 40), poderá incidir sobre a melhoria de práticas docentes futuras,



significando que, além de explorar e valorizar os saberes (e fazeres) docentes, a construção do almanaque possibilitou aos mesmos ampliar a compreensão sobre suas práticas a partir de novas aprendizagens e ressignificação de seus saberes profissionais.

Considerações finais

Entendemos que, o processo de construção do Almanaque de espaços não formais de ensino na região metropolitana de Ribeirão Preto, iniciativa do Grupo de Estudos da Localidade - ELO que contou com a participação de apoiadores, foi um processo mobilizador das experiências e saberes docentes sobre a localidade. Nesse processo, diversos profissionais puderam colaborar para a formulação de um produto que materializa as experiências e saberes compartilhados ao longo dos estudos, reuniões, debates e expedições.

Sua elaboração se deu de forma plural, possibilitando aos professores ressignificarem o uso dos espaços não formais nos processos de ensino e aprendizagem e, valorizou os saberes da experiência, disciplinares e da formação dos autores durante as diferentes etapas implementadas. Tais saberes foram evidenciados nos momentos de planejamento, execução e tomadas de decisão, quando os autores sustentavam suas argumentações em suas práticas cotidianas, evidenciando, assim que “os saberes profissionais são saberes da ação, os quais são (res)significados no contexto do próprio trabalho do professor” (LASTÓRIA; ASSOLINI, 2010, p. 21).

Os trabalhos com o almanaque não se encerram com sua publicação e lançamento oficial. O grupo ELO promoverá oficinas pedagógicas em escolas de educação básica para compartilhar as experiências e atividades realizadas para a construção do Almanaque, de modo a proporcionar momentos de troca de experiência, reflexões e sobretudo, estimular um olhar geográfico e histórico para os diferentes espaços das municipalidades.

Referências bibliográficas

ASSOLINI, F. E.; LASTÓRIA, A. C.; ALMEIDA, E. de. Docência, prática pedagógica, currículo, formação e desenvolvimento profissional: discussões, desafios e perspectivas. In: LASTÓRIA, A. C.; ROSA, V. (orgs). **Elos da cidadania: localidade, escola e ação**. Ribeirão Preto-SP: FFCLRP/USP, 2014. p. 145-170.

ASSOLINI, F. E.; LASTÓRIA, A. C.; ALMEIDA, E. de. Docência, prática pedagógica, currículo, formação e desenvolvimento profissional: discussões, desafios e perspectivas. In:



LASTÓRIA, Andrea Coelho; Rosa, Vitor. (orgs). **Elos da cidadania: localidade, escola e ação**. Ribeirão Preto-SP: FFCLRP/USP, 2014. p. 145-170

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, vol 25. N. 66, p. 227-247, mai./ago.

CAVACO, M. H. Os primeiros tempos da profissão: a insegurança e a sobrevivência. In: NÓVOA, A.(coord). **Profissão Professor**. Porto: Portugal, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 47ª ed. 2013.

LASTÓRIA, A. C. A didática da Geografia e da História e a formação de professores. In: **Formação continuada de professores: processos formativos e investigativos**. Ribeirão Preto: Compacta, 2010. p.135-140.

LASTÓRIA, A. C.; ASSOLINI, F. E. P. A aprendizagem, a formação e a experiência como elementos centrais dos processos educativos de professores. In: **Formação continuada de professores: processos formativos e investigativos**. Ribeirão Preto: Compacta, 2010. p.19-26.

LASTORIA, A. C.; ROSA, V.; ASSOLINI, F. E. P. (Org). **Almanaque de espaços não formais de ensino da região metropolitana de Ribeirão Preto**. 1. ed. Ribeirão Preto -SP: FFCLRP - USP, 2018.

LIBÂNIO, J. C. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. In: VEIGA, I. P. A.; D'ÁVILA, C. M. (orgs.). **Profissão docente: Novos sentidos, novas perspectivas**. – 2ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). p. 59-88.

PERRENOUD, P. Profissionalização do professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 108, p. 7-26, nov. 1996.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Anexos

ANEXO 1 - Ficha parametrizadora



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia
Políticas, Linguagens e Trajetórias
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

Nome do Espaço	Localização	Característica do Espaço	Descrição e contexto do espaço	Principais conteúdos que o espaço possibilita?	Para quem?	Por quê?	Observações complementares	Subgrupo responsável pela composição do <u>Template</u>
Espaço 1								
Espaço 2								
Espaço 3								